



Mundo Verne

La vida y obra de Jules Verne desde la óptica Iberoamericana

4

Março

Abril

2008

ISSN: 1996-7454

As viagens extraordinárias

Um novo tipo de Literatura

Em viagem pelo
Amazonas

Pedro Paulet, o
verniano peruano

À Imortalidade e à eterna juventude
Em memória de Zvi Har'El

As comemorações de Março depois de um inesperado acontecimento

Ariel Pérez

A triste notícia que nos acordou a 2 de Fevereiro foi sem dúvida uma das mais inesperadas e, por sua vez, dolorosa de entre todas. Os meus olhos negavam-se a crer o que lia no fórum que o próprio Zvi havia criado. Anunciava-se naquela manhã a sua morte repentina, produto, presumivelmente, de um enfarte do miocárdio. No momento da morte, encontrava-se a trabalhar com afinco no primeiro volume da revista electrónica *Verniana*, criação baseada numa das suas ideias e tentativas de levar o conhecimento referente ao escritor francês a todos os cantos do planeta e que resultou ser a sua última contribuição à comunidade verniana.

Falar de Zvi, do que fez e fará - porque de onde quer que esteja guiar-nos-á - requer um espaço maior e digno que um simples comentário editorial. É por isso que a revista neste número rende homenagem a esse homem que nos deixou tão prematuramente e de forma tão imprevista. Deixemos que sejam os seus amigos que falem dele, do seu ser, da sua pessoa e das suas qualidades humanas.

Alguns dias depois do lamentável acontecimento, exactamente no dia 8, em que se comemorou o 180º aniversário do nascimento do autor das **Viagens Extraordinárias**, foram publicados, no seu site na Internet, os primeiros

quatro artigos que constituem o compendio inicial da nova revista digital.

Poderá se enviar artigos ao comité editorial que avaliará o seu conteúdo e, em caso de ser publicável, apresentará o texto. No final do ano, o conjunto formará parte do primeiro volume. Espera-se a colaboração das pessoas interessadas.

Por outra parte, uma votação sem precedentes, em que se obteve mais de um milhão de pontos em poucos dias, proporcionou ao nosso escritor o terceiro lugar numa lista de celebridades no site da internet em que se criou o concurso. Um digno esforço de muitos vernianos que contribuíram com o seu voto em inúmeras ocasiões, de forma destacada o amigo Frederico desde Portugal e Bernhard desde a Alemanha.

E Março é a época também de comemorações, chegamos a mais um aniversário da morte do autor francês e, em Espanha, por motivo deste feito, está-se a publicar (mais uma vez), pela editorial RBA, as obras completas. Desta vez são reproduzidas as capas e ilustrações originais da edição Hetzel. O próximo encontro entre os membros da Sociedade Jules Verne, que será dentro de dois meses, causa expectativa pois poderá significar um momento de troca dentro da instituição

© 2008. Mundo Verne.

Revista bimensal em castelhano e português sobre a vida e obra de Jules Verne.

Edição e desenho: Ariel Pérez. Colaboração: Gabriel Apollinaire.

Comité editorial: Ariel Pérez, Cristian A. Tello y Yaikel Águila.

Tradução portuguesa: Frederico Jácome e Carlos Patricio. Distribuição gratuita.

Correio electrónico: arielpr@gmail.com.

Internet: <http://jgverne.cmact.com/Misc/Revista.htm>

Reprodução gratuita permitida se se citar a fonte.

Neste número

3 *Universo verniano*

A imagem... e semelhança



4

Uma viagem ao extraordinário

5 Robur, o conquistador dos ares



Esboços ibero-americanos

8 Em viagem pelo Amazonas

Influências



10

Pedro Paulet, o verniano peruano

Terra Verne



As Viagens Extraordinárias: um novo tipo de Literatura

12

À conversa com...

16 À Imortalidade e à eterna juventude

Sem publicação prévia

Pierre-Jean
Capítulo 4

23

Cartas gaulesas

24

Cartas à venda

Já se publicou cinco volumes com as cartas trocadas entre Verne e os Hetzel, e vão aparecendo, com o passar dos dias, novas cartas que dão fé da prolífera comunicação escrita que Jules tinha com muitos dos seus contemporâneos.

Agora vendem-se em França duas cartas fechadas de 1876 e 1879, dirigidas respectivamente a Philippe Gille, participante da adaptação teatral de **O doutor Ox**, e a um agente dramático não mencionado. Uma terceira carta vendia-se nos princípios de Março no site alemão do Ebay. Tratava-se da resposta a um leitor que o escreve, manifestando as suas considerações acerca de uma futura operação cirúrgica.

ATV no espaço

O ATV Jules Verne, veículo da Estação Espacial Internacional, foi lançado para o espaço a 9 de Março passado, de madrugada desde a base espacial de Kourou, na Guiana Francesa.

A nave leva entre os seus tesouros varias edições Hetzel da obra de Verne e inclui um mapa do céu desenhado pelo próprio escritor.

Exposição em Amiens

A *Maison de Jules Verne* em Amiens abre as suas portas para uma nova exposição. Organizada pelo Centro Internacional Jules Verne, a mostra está dedicada à nova adaptação, em tiras cómicas, de **A volta ao mundo em oitenta dias**. A exibição estará aberta até ao dia 9 de Junho próximo.

Conferência em Havana

Em 21 de Março, Ariel Pérez, editor de **Mundo Verne** e fundador do site hispano de referência sobre o autor, dirigiu, em Havana, uma conferência, sobre o escritor das **Viagens Extraordinárias**, em marco das actividades pela Semana da francofonia na ilha antilhana.

O título da conferência foi "O Verne desconhecido" e teve lugar no Instituto de Literatura e Linguística, situado na Avenida Carlos III na capital cubana perante a presença



de vários convidados.

Na palestra trataram-se temas de actualidade a respeito da figura do genial escritor francês e foi dedicada à memória de Zvi Har' El.

Actividade dos vernianos

Entre os meses de Fevereiro e Março, além da apresentação em Havana, também outros vernianos se mantiveram activos dando conferências ou entrevistas.

Philippe Jauzac, membro do Conselho da Administração da Sociedade Jules Verne fez uma conferência em Toulouse relativa à relação da dupla Verne-Hetzel. Jean-Paul Dekiss, director do Centro Internacional Jules Verne de Amiens deu uma entrevista a um jornal diário suíço. Olivier Sauzereau, autor de livros sobre Verne e membro do comité editorial da *Revue JV* dirigiu a conferência "Jules Verne e a astrofotografia" na Mediateca de Chateaubriant. Laurence Saudret do CIJV deleitou os seus ouvintes com a palestra sobre "Jules Verne e a apologia da natureza". Lionel Dupuy, um activo verniano, publicou um artigo numa revista electrónica canadense. Por último, Jean-Pierre Picot, em 21 de Março, falou sobre "Jules Verne na confluência de Edgar Poe e E. T. A. Hoffmann" ◆

Colaboraram neste número

Ariel Pérez

arielpr@gmail.com
http://jgverne.cmaact.com

Informático de profissão. Reside em Cuba. Já publicou artigos sobre Verne em vários países. Mantém um site na Internet sobre o escritor desde 2001. Já traduziu vários textos inéditos de Verne para castelhano.



Cristian Tello

destro777@hotmail.com
http://www.geocities.com/paginaverniana/ctd.htm

Engenheiro peruano, mantém um site sobre Verne desde 2004. É um dos vernianos mais activos na América-latina. Já escreveu artigos e traduziu vários textos do escritor francês.



Carlos Patricio

capatricio@ig.com.br

Engenheiro brasileiro. Servidor público da cidade do Rio de Janeiro. É apaixonado pela obra de Verne desde os oito anos. Utiliza a Internet para divulgar a obra do autor. É colaborador do blog sobre Verne em português.

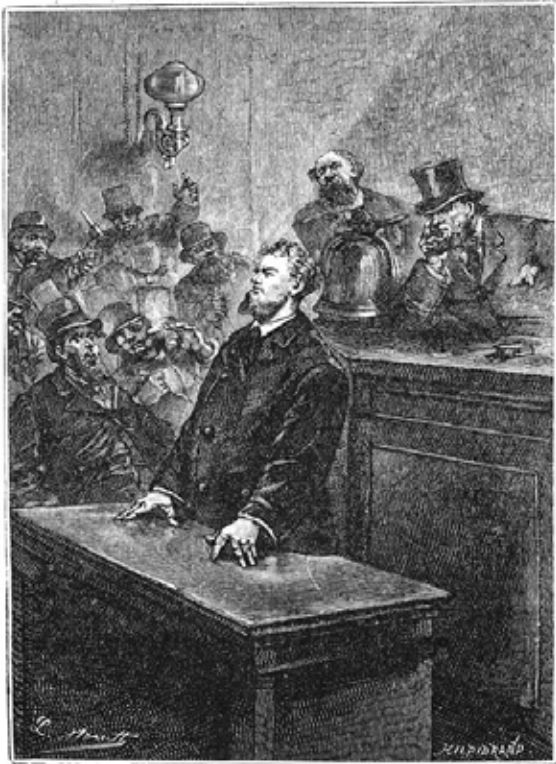


Álvaro Mejía

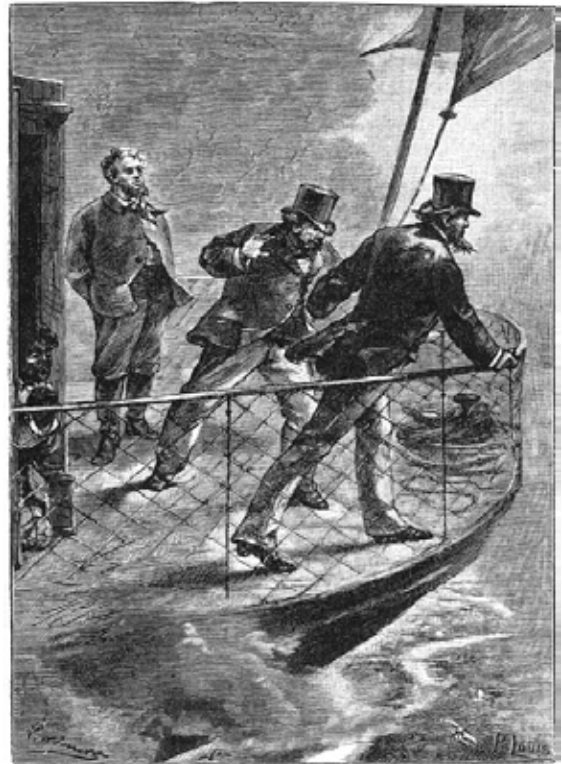
alvaro_mejia@yahoo.com
http://mundopaulet.blogspot.com

Licenciado em Comunicação Social. Realizador e guionista de cinema e televisão. Prepara um filme sobre o engenheiro peruano Pedro Paulet. Recentemente, começou a publicar sobre o resultado da sua investigação no seu blog.





O progresso não pertence aos balões aerostáticos, cidadãos balonistas, mas aos aparelhos voadores. O pássaro voa, e não é um balão, é um maquinismo



Ilustres balonistas, agora já são livres de andarem por onde quiserem dentro dos limites do Albatros.

A inspiração para criar Robur chegou a Verne por meio do seu amigo Nadar, piloto de aerostáticos, que o tinha convencido, havia vinte anos, a que se juntasse a uma sociedade que apoiava as experiências de voo com incríveis máquinas como os helicópteros a vapor. A ideia de voar era perseguida por muitos cientistas, e apesar de Jules não ser partidário dos balões dirigíveis, a fé do seu amigo fotógrafo fê-lo criar o *Albatros*.

Verne, aficionado pelos enigmas, costumava utilizar palavras do latim para nomear as suas personagens. Do mesmo modo que Nemo significa "ninguém", Robur significa "roble", o que denota poder e força. A robustez nata com a que Verne cria o seu protagonista, é percebida quando ele mesmo se apresenta perante a assembleia do Weldon Institute: "*Cidadãos dos Estados Unidos da América, o meu nome é Robur. Sou digno desse nome. Tenho quarenta anos, possuo uma constituição de ferro, uma saúde a toda a prova e uma extraordinária força muscular*".

Robur, ao contrário de Nemo, é um homem que não pretende conquistar os mares, mas sim os céus. Em contraste com muitos dos inventores vernianos, o criador do *Albatros* é maléfico, e mesmo revelando

aos seus prisioneiros as maravilhas do mundo vistas desde o céu, tem a declarada intenção de não os libertar. E com que direito? Com o do mais forte!

Robur é um inventor genial mas ressentido com uma humanidade mesquinha e violenta, que usa o progresso em prol da guerra e da exploração. Por isso desenvolve a sua invenção em segredo e recruta tripulação de confiança, gabando-se do seu poder tecnológico e não hesitando em utilizá-lo quando lhe apeteça. Um dos seus rasgos característicos é o afã de individualização e de ir contra a sociedade. Este comportamento converte-o num ser eremita e muito sensível perante toda a intromissão ou questionamento do exterior.

O micro mundo criado por Robur, nos céus, sem fronteiras, é um pensamento impressionante de Verne, que naquela época, nos meados do século XIX, contrastava com as ideias políticas. Trata-se de um legado antibélico de um idealista e sonhador que apregoa com a sua ideologia, uma crítica à política daqueles que consideravam voar uma fantasia, algo que só se podia fazer em balão nesses anos, e que o *Albatros*, a sua potente máquina que domina o espaço, tornou realidade ●

Robur, o conquistador dos ares

Cristian A. Tello

O modelo precursor do *Albatros*

"Em, 1863, devido aos esforços de Nadar, uma sociedade do mais pesado que o ar foi fundada em Paris. Ali, os inventores submeteram a experiências algumas máquinas que já haviam sido premiadas: Ponton d'Amécourt e seu helicóptero de vapor, Landelle e o seu sistema de combinações de hélices...". Por esta premissa, **Robur o Conquistador** prevê o lançamento da aeronave, cujo principio tinha Verne elogiado não tanto no seu papel de escritor futurista, mas sim essencialmente no de amigo de Nadar como seu associado na campanha de apoio ao voo de aparelhos aéreos. Era uma época em que a França presenciava o auge das viagens aéreas e os balões cercavam os céus, destacando o famoso *Gigante* de Nadar; feito que contribuiu ao êxito de **Cinco semanas em balão**, a primeira obra publicada de Jules, no início de 1863.

A poucos meses desta publicação, Gabriel de la Landelle e Gustave de Ponton d'Amécourt, fabricantes de brinquedos científicos, que em 1861 tinham desenvolvido pequenos helicópteros *espiralíferos*, propuseram a Nadar a criação de um novo centro de estudo, a fim de avaliar as vantagens e inconvenientes de ambos os sistemas: o mais leve ou o mais pesado que o ar. O centro foi baptizado com o nome de *Sociedade de fomento para a locomoção aérea por meio de aparelhos mais pesados que o ar*, reunindo-se nela a elite intelectual parisiense a que Verne assistiria na qualidade de crítico.

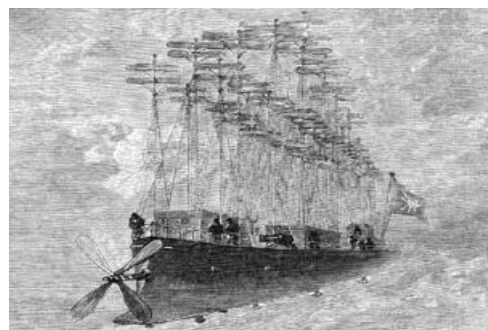
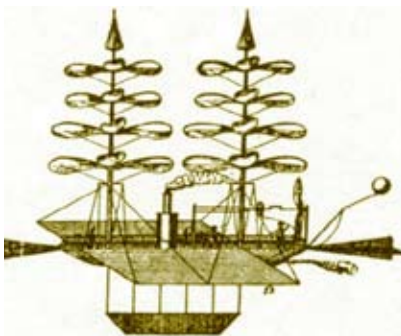
A participação do escritor na nova sociedade aérea introduziu-o nos conceitos das futuras máquinas voadoras. Mas a vertiginosa

carreira do autor, fê-lo adicionar os arquivos às suas notas referentes a estes modernos critérios. Anos mais tarde, em 1884, a publicação de *Historia elementar da aeronáutica*, escrita pelo seu antigo amigo Gabriel de la Landelle, levou-o a criar uma nova obra concordante com o, à época, crescente pessimismo no tocante aos perigos do progresso. Assim, em 1886, **Robur o Conquistador** e a sua nave aérea *Albatros*, desenhada em maior escala que o modelo original de la Landelle, aparece publicada pela editorial Hetzel, constituindo uma das suas mais peculiares obras de antecipação.

Todavia, outra corrente afirma que a fonte de inspiração do *Albatros* foi obtida por Verne de uma aeronave de um jovem autor novaiorquino de origem cubana, Luis Senarens, que se fez popular numa

1883, para elaborar os planos do seu surpreendente *Albatros*. Como se disse, o novelista francês conhecia os desenhos destas máquinas aéreas com mais de vinte anos de antecipação, sendo testemunha da evolução dos conceitos da época relativos ao avanço tecnológico dos veículos aéreos mais pesados que o ar.

Por outro lado, o próprio Verne na sua obra enfatiza que: "O que dizia Robur era o que antes tinham dito todos os partidários da aviação... Aos senhores Ponton d'Amécourt, de la Landelle, Nadar... incumbe a honra de terem divulgado estas ideias tão simples! Sucessivamente abandonadas e depois retomadas, não podiam deixar de vir a triunfar algum dia"; citação que transcende a remota possibilidade de plágio ao jovem escritor norte-americano.



Helicóptero imaginado por Gabriel de la Landelle em 1861 e o Albatros de Verne.

série de obras, *Frank Reade Jr.*, com histórias que exaltavam o génio de um inventor que, armado com as suas inseparáveis máquinas, viaja e explora territórios hostis glorificando o homem branco e a sua superioridade tecnológica, enfatizando um marcado racismo.

Esta teoria sugere que Verne aproveitou a ideia dos helicópteros criados por Senarens publicados na América do Norte a partir de

Características e estrutura da obra.

Robur o Conquistador foi publicada em fascículos no *Journal des débats politiques et littéraires*, de 29 de Junho a 18 de Agosto de 1886. Escrita em 1885, a obra descreve a luta entre os que apostam se o homem voará através de meios mais leves que o ar como os balões e zepelins, contra os que vêm que

o futuro se encontra nos aparelhos mecânicos mais pesados que o ar como os helicópteros e aeroplanos.

Robur, um anti-herói verniano que tem grande semelhança com o capitão Nemo, é um inventor que teve êxito graças ao *Albatros*, um novo modelo de nave aérea construída de papel prensado, com 74 hélices suspensivas e 2 propulsores que lhe permitem dominar o ar em qualquer direcção, e cuja fonte de energia, igual ao *Nautilus*, se encontra na electricidade tão admirada pelo autor.

A obra está cheia de tópicos vernianos com protagonistas antagónicos unidos pelas circunstâncias. Assim, Robur adverte os membros do *Weldon Institute*: "O progresso está nos aparelhos aéreos" e quando desaparece numa tempestade, leva consigo o segredo da sua invenção. O seu editor Hetzel, que morreu meses antes da publicação da obra, estava de acordo com a ciência usada por Verne, porém, queria uma intriga de maior consistência. Sugeriu que o voo do *Albatros* deveria ser "intranquilizador". E não foi necessário repeti-lo ao dócil escritor que, depois de terminar o livro, lhe responde: "tenho trabalhado muito nas alterações de Robur". Finalmente, tinha incluído um ataque aéreo.

O autor estava consciente que a sua obra seria criticada pelos partidários dos balões. "O livro provocará um certo escândalo", ele escreve ao

editor e enquanto entrega ao ilustrador Léon Bennet o seu próprio croquis do corte transversal do *Albatros*, adicionando: "No referido aspecto geral, parece-me excelente que seja fantástico e vaporoso. Fará bem em não o mostrar mais que nessas condições, para que nada passe com excessivo detalhe".

Curiosamente, uma década depois da aparição da obra, precisamente nos anos 1896-1897, presenciou-se, nos Estados Unidos, a uma grande quantidade de avistamentos de naves aéreas similares ao *Albatros* de Robur, sendo a historia mais popular, a nave que colidiu contra um moinho na povoação de Aurora, Texas. Este fenómeno conhecido como "Oleada Air-Ship", é a primeira manifestação da semelhança com os actuais "discos voadores", sucesso que Verne, como em tantos outros casos, previu com uma exactidão surpreendente.

O argumento

A história começa em Filadélfia, no Estado da Pensilvânia, onde os membros do clube aéreo *Weldon Institute*, discutem acaloradamente sobre novos projectos para melhorar as condições de viagem dos seus erráticos balões. O presidente Uncle Prudent, o secretário Phil Evans, rival de Uncle, e os membros da singular organização têm a convicção de que quando se inventar o motor adequado, o futuro estará nos sistemas de transporte mais leves que o ar, e têm já em marcha a construção de uma máquina dínamo-eléctrica, que lhes permitirá converter o seu último aeróstato num balão dirigível.

Paralelamente reportam-se nos céus do mundo estranhas luzes e ruídos, provocados, segundo se crê, por algum

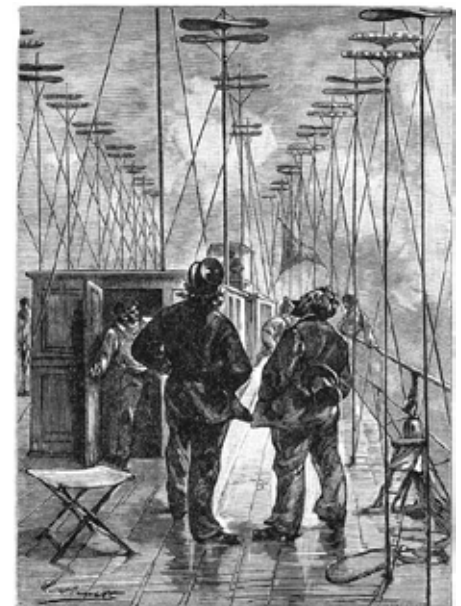
Capas de edições francesas



estranho artefacto aéreo que causa o assombro e desconforto num dos mais renomeados observatórios do planeta. Estes acontecimentos são obra do misterioso Robur, um brilhante inventor que se introduz numa das reuniões do clube, enquanto debatiam sobre a possibilidade do seu novo globo, o *Go Ahead*, utilizar uma hélice propulsora localizada na frente ou na parte traseira.

Ali explica aos surpreendidos membros que, para que um veículo voador domine os céus, este deve ser mais pesado que o próprio ar. Os ousados comentários de Robur exacerbaram o ânimo dos assisten-

Capas de edições castelhanas



Uncle Prudent e Phil Evans sequestrados a bordo do *Albatros*.

tes no encontro, que não duvidaram em gozar e expulsar violentamente o intruso. Em vingança pelo ocorrido no evento, Uncle Prudent, o seu criado negro Frycollin e Phil Evans, são sequestrados por Robur e levados a viajar à volta do mundo a bordo do *Albatros*, a aeronave que se move com motores de hélice, para demonstrar-lhes a eficácia, segurança e potência da sua invenção.

Depois de algumas semanas de forçosa viagem, os cativos admitem que as suas noções de “mais leve que o ar” estavam equivocadas, porém não deixam de manifestar a sua ira contra Robur pelo rapto a que haviam sido submetidos. Dada a negativa do capitão da aeronave em libertá-los, o presidente e o secretário formulam um plano para escaparem e destruir o *Albatros*, aquele veículo maravilhoso e monstruoso ao mesmo tempo.

Finalmente, os balonistas conseguem fugir e destruir o veículo, devido ao descuido de Robur e da tripulação enquanto faziam reparos na aeronave numa remota ilha. Mais tarde são resgatados e regressam a Filadélfia, onde eram esperados com impaciência. Para surpresa de todos, os ocasionais aventureiros pouca importância deram às suas ausências públicas não dando qualquer explicação e limitando-se a continuar com o projecto de voo do *Go Ahead*.

Meses depois, a grande velocidade e mobilidade do novo balão maravilham a multidão reunida durante uma proeza aérea, ainda que sendo triviais em comparação às qualidades da nave de Robur. De repente, um novo *Albatros* aparece para surpresa dos espectadores, que contemplam um formidável ataque aéreo da aeronave contra o gigan-

Los personajes de la novela

- Robur, 40 anos. Engenheiro criador da máquina voadora *Albatros*. O autor rodeia-o num halo de mistério acerca da sua origem e fortuna.
- Uncle Prudent, 45 anos. Presidente do *Weldon Institute* de Filadélfia. Solteiro e milionário, possuidor de uma grande parte de ações de *Niagara Falls*.
- Phil Evans, 45 anos. Secretário do *Weldon Institute*. Solteiro e diretor de *Walton Watch Company*. Companheiro de aventuras de Uncle Prudent a bordo do *Albatros*.
- Frycollin. Jovem criado negro de Uncle Prudent.
- Tom Turner, 45 anos, de origem inglesa. Contramestre do *Albatros*.
- Francisco Tapage. Francês originário da Gasconha. Cozinheiro do *Albatros*.
- Truk Milnor, William Forbes, Bat Fyn, Jem Cip. Membros do *Weldon Institute*
- Harry W. Tinder. Personagem retirado da vida real. Aeronauta do *Go Ahead*.

tesco balão do clube. Todavia, Robur salva a vida dos seus antigos convidados devolvendo-os ilesos em terra, demonstrando com isto que não lhes guarda rancor.

Tendo provado publicamente o domínio dos ares, finaliza com um discurso em que informa que as na-

ções ainda não estão preparadas para conhecer o seu segredo. A nave perde-se no céu e não se sabe mais dela. Mas havia de chegar o dia da locomoção das máquinas mais pesadas que o ar. E esta conclusão não é de Robur, mas sim do próprio Jules Verne: “O futuro da locomoção aérea pertence à aeronave, não ao aeróstato. Serão os *Albatros* que acabarão por conquistar os ares de forma definitiva!” ●



Os prisioneiros de Robur levam a bom termo o seu plano de fuga.

Bibliografía

- Herbert Lottman. Jules Verne. Editorial Anagrama, Barcelona, 1998.
- Wikipedia. *Robur the conqueror*. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Robur_the_Conqueror.
- *Gabriel de la Landelle, inventeur du mot "aviation" en 1863*. Disponível em: <http://www.bretagne-aviation.fr/Pionniers/page%20landelle.htm>
- *Frank Reade home page*. Disponível em: <http://www.bigredhair.com/frankreade/index.html>

Em viagem pelo Amazonas

Carlos Patricio

Esboços ibero-americanos

Embora Jules Verne jamais tenha realizado uma viagem ao Brasil, ambientou neste país pelo menos duas obras que fazem parte de sua famosa coleção das **Viagens Extraordinárias**.

A primeira menção ao Brasil aparece no livro **A Galera Chancellor**, publicado em 1874. A citação aparece nas últimas páginas do trágico romance, por sinal objeto de análise no primeiro número de **Mundo Verne**. Os naufragos, amontoados numa pequena jangada feita às pressas, meio mortos de fome e assolados por uma sede insuportável, são salvos quando um deles cái ao mar, desesperadamente sedento, bebe o que pensa ser água salina e é surpreendido pelo fato de encontrar água doce em pleno oceano. A precária embarcação passava, sem que os sobreviventes se apercebessem disso, pela plataforma continental brasileira, mais precisamente junto à costa norte do país, próximo à desembocadura do Rio Amazonas, o maior em extensão e volume de água em todo o planeta.

Verne ensina, então, que a espetacular vazão na foz do gigantesco rio empurra água doce mar adentro por quilômetros e quilômetros, causando o fenômeno que acidentalmente salva os desafortunados passageiros e tripulantes da sinistrada embarcação. A fantástica conclusão da aventura atizou a imaginação dos leitores e elevou o já famoso rio brasileiro a condição de verdadeiro fenômeno natural sem paralelo no mundo

Segunda "visita" ao Brasil

Em **A Jangada** também conhecida como **800 Léguas sobre o Amazonas**, publicada em 1881, Verne conta a trajetória de uma família brasileira em uma espécie de

vila flutuante através do mesmo Rio Amazonas – mas dessa vez, Verne se detém mais aprofundadamente em terras brasileiras.

Joam Garral parte de Iquitos, no Peru, para casar a filha em Belém, capital do estado brasileiro do Pará, atravessando todo o Amazonas em uma gigantesca jangada que reproduz fielmente uma típica propriedade rural do norte do Brasil, na época: a chamada "Casa Grande", onde viviam o senhor das terras e sua família; a "senzala", casa dos escravos (a escravidão no Brasil, vergonhosamente, só foi abolida em 1888, pela "Lei Áurea", assinada pela Princesa Isabel, filha do então Imperador Pedro II), cabanas e até uma pequena capela.

Garral era procurado, há anos, no Brasil, por um crime que não cometeu e a prova de sua inocência é uma carta criptografada (outra das paixões de Verne) em poder de um facinora, o vilão Torres.

Desta forma assistimos à leitura de um romance geográfico, repleto de descrições de lugares e costumes pitorescos, explorando rios e afluentes no interior da selva amazônica. É uma história com muita ação e aventuras que incluem ataques de animais selvagens, de tribos indígenas, doenças tropicais e até explorações submarinas. E tudo isso envolto em um mistério a ser desvendado e uma enigmática mensagem cifrada que permeia toda a narrativa. Em resumo: todas as principais características de uma aventura tipicamente verniana estão presentes nesta história, uma das mais completas obras do autor gaulês.

Jules Verne conheceu a família real brasileira e a princesa Isabel pouco antes de escrever o livro. O imperador do Brasil era conhecido

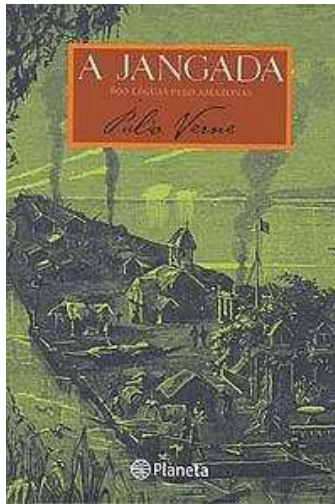
por seu interesse científico, sua cultura e inteligência acima da média. Michel Riaudel, professor de Literatura comparada na Universidade de Nanterre e autor do prefácio da última tradução brasileira desta obra, afirma que esse encontro influenciou definitivamente a narrativa.

"A Jangada começa com um caçador de escravos foragidos. Verne utiliza esse personagem para discutir justamente a questão da abolição. E provavelmente o tema da escravidão foi abordado nas conversas do autor com a família d'Orléans e Bragança", afirma Riaudel.

Além disso, como em todos os seus escritos, Verne dá mostras de uma intensa pesquisa preliminar. Segundo registros da época, especialistas reconheciam que, apesar de uma imprecisão aqui e outra acolá, as descrições contidas no livro não estavam muito distantes da realidade. Ao longo das deliciosas páginas do inesquecível conto, há momentos em que o gaulês dá verdadeiras aulas de geografia sobre a até então desconhecida Amazônia.

Verne e sua influência na juventude brasileira

Desde as primeiras edições brasileiras das obras de Verne, observou-se sua influência na formação cultural e profissional de inúmeras gerações de pequenos e "grandes" leitores que, levados pela mão do excepcional escritor e inspirados pelos feitos e conquistas de seus heróis mitológicos, tornaram-se exploradores, cientistas, engenheiros, astrônomos, aeronautas, geógrafos, geólogos, mineralogistas, oceanógrafos, biólogos marinhos, urbanistas, arquitetos, agrônomos, literatos, filósofos, escritores e professores das mais diversas áreas.



É gratificante constatar o incrível número de pessoas, de todas as idades, que até hoje confessam terem sido influenciados por Verne, suas idéias e, principalmente, seu ideais. O autor, ao popularizar a Ciência, tornou-a, talvez paradoxalmente a primeira vista, um bem cultural para seus leitores cujos são apresentados de forma extremamente prazerosa, mas não por isso menos rigorosa e eficiente, a uma espantosa quantidade de informações técnicas

e científicas, cobrindo a maior parte das descobertas e dos avanços da Humanidade. Isso certamente criou um vínculo entre nossa percepção da Ciência e aquele que a ela nos apresentou.

Ao mesmo tempo, o Homem é sempre colocado como o ápice, artífice e objeto principal desse desenvolvimento, que para nada serviria se não fosse aplicado e aproveitado para o bem de todos. Verne soube, como talvez ninguém em sua época, a fundamental importância da inteligência, da cultura, da ética e da firmeza de caráter para a personalidade do indivíduo. Nós, leitores verneianos, temos essa primazia, a de termos sido orientados por tais valores. É, sem dúvida, um eterno débito de gratidão com nosso generoso mestre Jules Verne ●

Na margem esquerda do rio Negro – o mais importante, o maior dos afluentes da grande artéria brasileira – havia sido erguida a capital da província, que dominava toda a campina circunvizinha ao pitoresco conjunto de casas particulares e edifícios públicos.

O rio Negro, descoberto em 1645 pelo espanhol Favella, tem a sua nascente na encosta das montanhas situadas a noroeste, entre o Brasil e Nova Granada, no coração da província de Popayan, e se comunica com o Orenoco, isto é, com as Guianas, por dois afluentes, o Pimichim e o Cassiquiário.

Depois de um magnífico curso de mil e setecentos quilômetros, o rio Negro derrama por uma foz de mil e cem toesas, suas águas escuras no Amazonas, mas sem que elas se misturem por uma distância de várias milhas, tão forte e activo é esse escoadouro. Nesse lugar, as pontas das duas margens se abrem formando uma ampla baía, com a profundidade de quinze léguas, que se estende até as ilhas Anavilhanas. Ali, numa estreita chanfradura, se agitava o porto de Manaus.

A madeira para construção e mercenária, cacau, borraça, café, numa palavra, todos os esses objectos tinham vários cursos d'água para transportá-los em todas as direções.

A situação dessa cidade era, portanto, privilegiada em relação a todas as outras, o que contribuía muito para a sua prosperidade.

Manaus, chamava-se, antigamente, Moura e era desde 1826 a capital da extensa província do Amazonas, e deve o seu novo nome de uma tribo de índios que outrora havia habitado os territórios centrais da América.

Manaus é uma cidade de cinco mil habitantes, das quais pelo menos três mil eram empregados do governo. Havia um certo número de prédios públicos para uso desses funcionários: a câmara legislativa, o palácio da presidência, a tesouraria geral, os correios e a aduana, sem contar um colégio fundado em 1848 e um hospital inaugurado em 1851.

Quantos às construções religiosas, seria difícil nomear mais de duas: a pequena igreja da Conceição e a capela de Nossa Senhora dos Remédios, construída quase em campo raso, numa pequena elevação que dominava Manaus.

A população de Manaus, além dos funcionários, era composta sobretudo de negociantes portugueses e de índios que pertencem às diversas tribos do rio Negro.

A jangada, capítulo XXI

Pedro Paulet, o verniano peruano

Alvaro Mejía Salvatierra

Em 1762, quando o Peru ainda era uma colónia espanhola, o inventor peruano Santiago de Cárdenas inventou um aparelho para voar, tendo-o descrito num memorial dirigido ao Rei de Espanha e que se intitulava *Novo sistema de navegar pelos ares, retirado das observações da natureza volátil*.

Mais adiante, já éramos uma República quando, em 1878, Pedro Ruiz Gallo publicou o livro *Estudos gerais sobre a navegação aérea e Resolução deste importante problema*, em que descrevia um veículo voador de sua invenção, o Ornitóptero. Ruiz Gallo não pode continuar com as experiências, pois morreu em 1880, durante a guerra que colocou Chile contra Peru e Bolívia.

Mas, se terá havido no Peru uma figura que se possa chamar "verniana", esse terá sido Pedro Paulet

(1874-1945), que, tudo parece indicá-lo, alimentou o seu sonho infantil de chegar à Lua com os livros de Verne e logo descobriu os princípios da astronáutica em França, enquanto este ainda vivia.

Segundo o estudioso literário Estuardo Núñez, os livros de Verne circulavam em espanhol desde 1870. É provável que Paulet os tenha lido em francês, idioma que se ensinava junto com o inglês e o latim no colégio onde estudou, dirigido pelo sacerdote francês Hippolyte Duhamel. Este ganhou pelo governo de França uma variada biblioteca e um moderno laboratório científico, com que os incentivou a

adquirir amor pela arte, pelas letras e pelas ciências.

Para a imaginação de um menino inquieto e de inclinações artísticas como Paulet, o vulcão Misti, que regia a vida da cidade onde nasceu, foi o cenário perfeito para repetir a **Viagem ao centro da Terra**, ainda que a leitura de **Da Terra à Lua** o tivesse motivado mais. Só que, ao contrário de Verne, não pensava num canhão

gigante como meio para chegar ao satélite da Terra, mas sim numa nave experimental impulsionada por foguetes.

Sobre o tema, Paulet disse: *"Na minha cidade natal, edificada com lava de um antigo vulcão vizinho, não se tem medo dos maiores incêndios, porque os foguetes são a diversão obrigatória em todas as festas. Desde pequeno aprendi*

a fazê-los".

Desde pequeno, Paulet ensaiava lançando foguetes caseiros que ele mesmo fabricava. Tendo a Terceira Lei de Newton sobre acção e reacção como ponto de partida, projectava uma nave capaz de sair da atmosfera terrestre.

Algo que seguramente completou a sua formação científica foi que, em 1890, a Universidade de Harvard estabeleceu em Arequipa o observatório astronómico mais moderno do hemisfério Sul. Paulet deve ter-se nutrido do ambiente de alto nível científico que se vivia na cidade.

Quando tinha 20 anos, o governo peruano enviou-o à Sorbona de Paris para que estudasse Arquitectura e Engenharia, e que depois regressasse para trabalhar pelo desenvolvimento do país. Não se sabe se conheceu Verne mas há vários pontos de contacto entre ambos.

O primeiro, indirecto, foi com o fotógrafo Nadar, que iniciou Verne nos voos em balão e que afirmava que se deveria imitar o voo das aves. Paulet acreditava que não e afirmava que *"o progresso não consiste em igualar os processos da natureza, mas sim em ultrapassá-los"*. Achava que em vez da "aviação" (palavra derivada de ave), se devia estudar a "desgravitação".

Consequente, inventou o motor a reacção de combustível líquido. O curioso é que o combustível descoberto por ele estava nas bombas de Eugène Turpin, o inventor da melinita e quem, em 1896, enfrentou Verne por tê-lo ridicularizado na sua obra **Em frente da bandeira**, cujo protagonista, depois da França ter recusado a sua invenção -um potente explosivo-, começava a enlouquecer e se punha ao serviço do exército de outro país. Porém, quando deveria enfrentar um barco francês, num ato de lucidez e heróico patriotismo, desviou o projectil que havia dirigido contra ele.

Ainda que Turpin tenha estado preso anos antes, acusado de traição à pátria por vender a fórmula do seu explosivo a uma potência estrangeira, Verne negou-se em se ter baseado na sua história e saiu absolvido. No entanto, anos depois apareceu uma carta sua em que confessava a sua intenção de romanceá-la.

Paulet, todavia, atribuiu a ideia



de usar os estudos de Turpin a um dos seus mestres, o químico Marcelin Berthelot, então o cientista francês mais importante depois de Pasteur, que depois de conhecer um primeiro desenho do motor-foguete de Paulet, o aconselhou a experimentar com explosivo.

Em 1902, antes do voo inaugural dos Wright, Paulet terminou os planos de uma nave espacial, o Avião Torpedo, que veria a ser o primeiro antecedente de vários veículos modernos, incluído o transportador espacial. O Avião Torpedo teria uma asa delta pivotante com vários motores-foguete na base. Apontando para cima, levantaria voo verticalmente. Ao girar, se moveria em forma horizontal. Novamente em forma vertical, a descida seria suave.

Quando perguntaram a Verne o porque de ter ambientado **Da Terra à Lua** nos Estados Unidos, respondeu que lhe parecia ser o país dos engenheiros e, portanto, o cenário lógico para isso. Paulet queria massificar a engenharia no Peru e criar o ambiente propício para a sua invenção. Aceitou dirigir a Escola de Artes e Ofícios, trazendo um grupo de professores europeus para formar os técnicos que seriam os engenheiros nacionais em todos os campos. Perante a possibilidade manifestada de conflitos bélicos com os países vizinhos, quis pôr o Avião Torpedo ao serviço das forças armadas peruanas.

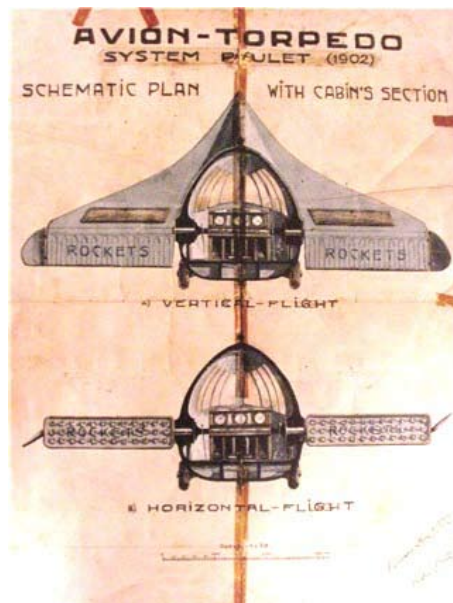
Outros inventores, que procuravam igualar os Wright, proponham também os seus projetos de aviões, despertando um interessante debate de qual era o tipo de nave voadora que convinha ao Peru. Perante isso e como o governo do Presidente Leguía não parecia interessado em fomentar as indústrias nacionais, Paulet propôs criar a Liga Nacional de Aviação, um espaço onde os inventores peruanos pudessem desenvolver e comparar os seus projectos.

Além disso, deu palestras e escreveu artigos, a fim de se posicionar como um sábio nos fundamentos da navegação aérea. Num dos seus artigos, na revista *Ilustración Peruana* (1909), encontramos sua única menção a Verne até ao momento. Depois de um elogio aos veículos “mais pesados que o ar”, como ortópteros, helicópteros e aeroplanos, escreveu: “Ninguém acreditava neles há um ano nem nos escritores de fantasia, que como Júlio Verne, lançavam em pleno céu, as grandiosas máquinas dos seus heróis imaginários”.

Como explicar esse comentário? A leitura mais evidente é que se ele tinha imaginado uma nave espacial impulsionada por foguetes, o canhão de **Da Terra à Lua**, este devia parecer-lhe absurdo. Porém, colocando-nos no contexto do debate que se suscitava, parece-nos que Paulet queria-se distanciar de todo aquilo que soara fantasioso e demonstrar que ele se ajustava a estritas bases científicas. Apesar dos seus esforços, no final, as forças armadas optaram pelos aeroplanos de hélice e fabricação estrangeira.

Há indícios de que Paulet foi também designado a projectar um submarino -algo que não era novo, visto que tinha existido na década de 1860 um projecto similar a cargo de Frederico Blume Othon- e propôs o uso de balões aerostáticos para avistar tropas, navios e submarinos inimigos. Não se sabe o desfecho deste projeto.

Pelo que se sabe, antes da rejeição de seu projecto de avião, Paulet voltou à Europa em 1910, em busca de um melhor ambiente para a sua invenção. Este acabaria por aparecer nos finais dos anos 20, na Alemanha, onde acabaria por influenciar os cientistas alemães da Sociedade para Voos Espaciais (*Verein für Raumschiffahrt*), grupo de que sairia Von Braun. Todo indica que Paulet se re-



Planos do Avião Torpedo de Paulet

lacionou com eles no momento que tentavam desenvolver motores de combustível líquido e que chegou a colaborar mas, ao descobrir que planeavam fabricar mísseis de guerra, terminou com a colaboração. Logo depois quis desenvolver a sua nave no Peru, mas não teve sucesso.

Nos seus últimos anos de vida, afirmava que o Avião Torpedo teria também a capacidade de explorar as profundidades do mar, o que recorda a *Epouvante*, o peixe-pássaro, nave que Verne fez aparecer na obra **O Senhor do Mundo**. Eram tempos em que ainda se discutia como seria a nave que realizasse o sonho. E é provável que Paulet estivesse a pensar em aterrá-lo na água, como Verne havia antecipado em **Da Terra à Lua**.

O peruano morreu em Janeiro de 1945. Meses depois, ao terminar a Segunda Guerra Mundial, Von Braun, o construtor dos temidos mísseis V-2, seria capturado pelo exército norte-americano e, finalmente, construiria o Apolo XI para a NASA.

Ainda se tem muito por averiguar da vida de Paulet. Entre outras coisas, se existiu um encontro entre ele e Jules Verne ●

As Viagens Extraordinárias: um novo tipo de Literatura

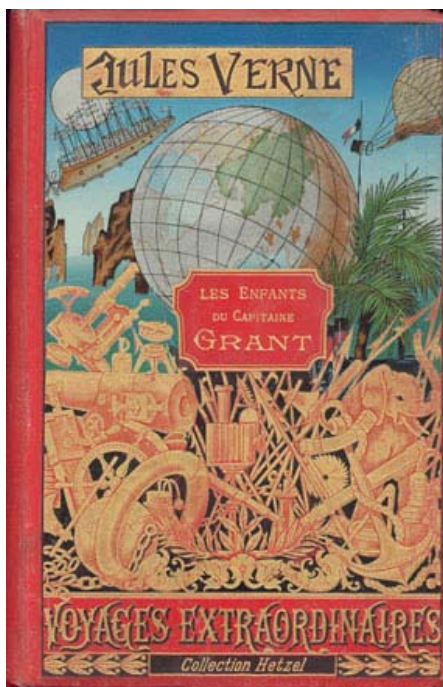
Ariel Pérez

Com trinta e cinco anos, Verne conhece Hetzel. As circunstâncias em que o escritor o fez ainda estão por se descobrir, visto que existem muitas versões a respeito, sendo difícil chegar algum dia a fatos reais. O certo da história é que conheceu um homem que tem uma revista de Literatura recém fundada e que este andava a procura de um colaborador para a parte científica. Verne que já tinha concebido a ideia de um novo tipo de obra, apresenta-lhe um texto que tinha escrito. Hetzel vê potencial no trinta e recomenda-lhe fazer algumas alterações, e uns meses depois, em Janeiro de 1863, inicia-se para ambos uma prolífica etapa que corresponderia a uma ampla produção de sessenta e duas obras em quarenta e sete anos.

O êxito alcançado por Verne nestes anos leva-o a terminar trabalhos que outros começaram (Théophile Lavallée e a sua *Géographie illustrée de la France et de ses colonies*), realizar trabalhos geográficos de grande importância (**História das grandes viagens e dos grandes viajantes, Os Navegadores do século XVIII e Os grandes exploradores do século XIX**), publicar com o seu nome livros escritos por outros autores (**O naufrago do Cynthia**), modificar e publicar com o seu nome dois manuscritos escritos por André Laurie (**Os quinhentos milhões da Bégum e A Estrela do Sul**) além de escrever alguns poemas, colaborar para a redacção de obras de teatro baseadas nos argumentos das suas mais famosas obras, escrever novos contos, artigos e ensaios que foram integralmente impressos em publicações da época.

No fim dos seus dias, ao contabilizar a produção literária de Verne, os seus textos somam mais de duzentos e cinquenta, entre obras,

contos, poemas, obras de teatro, livros geográficos, ensaios e artigos. Para completar e comprovar o seu extenso legado vale a pena destacar, principalmente, o grande número de cartas escritas pelo autor, em particular as que enviou aos Hetzel que foram publicadas em cinco volumes até ao momento. Mas, que propiciou a aparição do núcleo da sua obra? Destes mais de sessenta livros que integram a



Capa de uma das edições Hetzel das Viagens Extraordinárias. O desenho e a impressão são de uma qualidade excelente

renomada colecção? Que peculiaridades teve a publicação desta extensa série de livros durante quase cinquenta anos?

No século XIX aparece um novo tipo de literatura de divulgação científica, em cuja concepção influem de maneira destacada duas concepções intelectuais da época: o socialismo romântico e o positivismo. O primeiro, pela sua ênfase na ciência e a indústria como elementos que haviam de guiar o ho-

mem para um futuro de felicidade e harmonia, dentro de um maior progresso material e moral; ele supõe a configuração de uma sociedade mais feliz e adequada ao homem de amanhã. O positivismo, em segundo lugar, leva consigo uma nova visão do mundo e uma nova maneira de actuar em todos os campos da actividade humana. Se poderia dizer que não foi o auge científico e tecnológico do século XIX que deu lugar à aparição da divulgação científica na Literatura. Talvez seria melhor dizer que foi neste período quando surge uma verdadeira necessidade de difundir-se todos os conhecimentos aprendidos pela Ciência até aquele instante. Por isso, a série de obras escritas por Jules Verne nasce no momento justo, no instante em que a Ciência e a indústria estavam em pleno florescimento e favorecidas, na França, pelo ambiente político criado pelo primeiro mandato de Napoleão III, momento plenamente optimista em que parecia cumprir-se a profecia de uma Nova Idade do Ouro que propugnava Saint-Simon. As obras de Jules Verne respondem a um plano educativo proposto pelo seu editor, o sansimoniano Jules Hetzel, e dirigido à formação da juventude. Consistiria, em princípio, no despertar do interesse pela Ciência, divulgar os seus conhecimentos e formar os dirigentes da sociedade do futuro.

Contrariamente a ideia popular, foi Hetzel quem teve a ideia de ter um título genérico para a série de livros escritos por Jules a partir de 1862, e aos que ainda estavam por escrever, e foi depois de publicar os primeiros textos que o editor do escritor francês sugeriu as duas palavras que acompanhariam, a partir desse instante, a capa das obras do francês. Já Verne tinha publi-

cado três obras com êxito, quando, no prólogo de **Aventuras do Capitão Hatteras**, Hetzel escreveu que o propósito da série era “resumir todos os conhecimentos geográficos, geológicos, físicos e astronômicos elaborados pela Ciência moderna e contar, de forma atractiva, a história do Universo”.

Hetzel acrescenta que “por outro lado, as obras do senhor Jules Verne têm chegado oportunamente. Quando vemos o público correr apressadamente às conferências que ocorrem em mil lugares na França, quando vemos que ao lado das críticas de arte e de teatro teve que se dar lugar nos nossos jornais aos boletins da Academia de Ciências, resulta dizer que a arte pela arte não é suficiente para a nossa época e que chegou a hora em que a Ciência ocupe seu lugar na Literatura... O mérito do senhor Jules Verne é por ter sido o primeiro em colocar em pé este novo terreno, e tem-no feito magistralmente... As futuras obras do senhor Jules Verne irão se agrupando sucessivamente a esta edição, que teremos o cuidado de manter sempre actualizada. As obras que já apareceram e aquelas que aparecerão constituirão no seu conjunto o plano que propôs o autor ao dar à sua obra o subtítulo de *Viagens através dos mundos conhecidos e desconhecidos...*”.

O título que se deu à colecção iria se converter com o passar do tempo no slogan publicitário que deu o filão de ouro ao dono da editora para identificar o conjunto de obras e contos escritos por Jules Verne. Tem-se especulado muito sobre a possibilidade de que Verne tenha sugerido de alguma maneira o título da série seguindo a fórmula das *Histórias Extraordinárias* de Poe, um escritor muito admirado por ele, mas não há provas que o indique nem tão pouco que afirmem o contrário. E se em 1866 a série contava com um título, também Hetzel se encarregou de pôr um subtítulo não menos chamativo

ao conglomerado de sessenta e duas novelas e mais de cem volumes: **Os mundos conhecidos e desconhecidos**.

Mas, o que é realmente uma viagem extraordinária? Michel Serres define-o assim: “É uma viagem vulgar no espaço (terrestre, aéreo, marítimo, cósmico) ou no tempo (passado, presente, futuro), um caminho de um ponto dado a tal outro desejado... em segundo lugar, é uma viagem enciclopédica: a Odisseia é circular, recorre ao ciclo da sabedoria... por último, é uma viagem iniciática no mesmo sentido que o périplo de Ulisses, o Êxodo do povo hebreu ou o itinerário de Dante”.

Os relatos de Verne pertencem à Literatura de divulgação científica. São obras cheias de saber científico prestes a ser divulgado, ensinando sem dor e esforço. O leitor, através das **Viagens Extraordinárias**, e ao contrário de outras formas de difundir o conhecimento, se introduz na aventura aprendendo pela própria experiência, percorre pela mão do narrador o espaço dos conhecimentos, todo ele sem perder de vista a razão. Desta forma, as obras de Jules respondem a essa chamada positivista que inundava a Literatura nos finais do século XIX. O protagonista das suas aventuras nunca penetrará no campo do inverosímil, do imaginário. Não parece ser, à distância e analisando-as com a cabeça fria, “ficção-científica” e as suas antecipações quem sabe se limitem a ser meras reconstruções escritas de projectos que estavam no ambiente científico do momento.

Jules Verne, bastante desconhecido antes de se apresentar a Hetzel, dedicava-se a escrever pequenas comédias, operetas e contos para crianças na revista *Musée des familles*. Numa das entrevistas que tem com o seu editor, explica-lhe o fantástico projecto que tinha entre mãos e que um dia o seu mentor literário, Alexandre Dumas, o aplaudiu. Os resultados

foram incríveis. A obra modificada entusiasmou Hetzel e, pouco tempo depois, fê-lo assinar um primeiro contrato para a publicação exclusiva de **Cinco semanas em balão**, condicionando o tipo de público a que se deveria dirigir a produção: o juvenil.

Este segundo condicionamento tinha, sem dúvida, uma razão de ser. Hetzel, como bom seguidor das doutrinas de Saint-Simon, tinha trazido um vasto plano de educação científica, literária e moral da juventude burguesa, e todas as obras que publicaria dentro da editora fariam parte dele. Jules Verne, ao aceitar este contrato, se encaixava perfeitamente dentro dos desígnios do seu editor.

Nascia, então, as **Viagens Extraordinárias**, que não são mais que obras científicas cujo trama está baseado em teorias científicas, enigmas científicos, e soluções científicas. Em geral, o fio argumental é um raciocínio científico: uma hipótese inicial que haverá de se demonstrar ao longo da experiência que é o relato em si. Assim, as dificuldades com as que tropeçam cada um dos personagens terão também uma feliz solução, também científica.

O carácter pedagógico da série é, principalmente, o de formar o espírito empreendedor tanto no leitor, como no protagonista juvenil. Neste sentido, muitas das obras que a constituem, entram na categoria de obras iniciáticas. Nelas um determinado personagem, ou personagens, incluído o próprio leitor, inicia-se nos segredos “*desliza-se na aventura que o saber autoriza, e entra no espaço preparado pelo cálculo, é como uma espécie de jogo*”. É a mesma ignorância guiada por um iniciador - o científico, o mestre de cerimónias - que atravessa uma série de provas (o abismo, a sede, a perda...) das que sairá vitorioso e, desde logo, “convertido”.

Muitos especialistas da sua obra têm coincidido em dividir as **Viagens**

Extraordinárias em duas etapas bem diferenciadas. A primeira entre os anos 1862 e 1879 e a segunda desde 1880 até 1920, que encerrou no ano em que se publicou o seu último livro póstumo. A primeira etapa compreende em matéria de títulos desde **Cinco semanas em balão** até **As atribuições de um chinês na China**. Podem-se caracterizar pelas tendências socialistas românticas do nosso escritor.

Os seus personagens são autênticos exploradores e descobridores. Os cientistas e engenheiros são homens amáveis, carismáticos e solidários. As máquinas que aparecem nesta primeira parte, não ameaçam o homem nem a Natureza. São artefactos "inocentes", muito semelhantes aos que desenhava Leonardo da Vinci, que muitas vezes formam parte da paisagem confundindo-se nela. As máquinas emulam a Natureza e a aperfeiçoam. Não produzem mais valia, não penetram na dinâmica capitalista. Elas facilitam ao homem as suas actividades, tornando mais confortável a sua existência. Definitivamente, é um período caracterizado por ser um canto ao progresso e ao futuro da felicidade do ser humano.

Destas publicações destacam-se, por si só, cinco obras que constituíram os seus maiores êxitos e que foram as que lhe deram, essencialmente, a fama universal: **A volta ao mundo em oitenta dias**, **Vinte mil léguas submarinas**, **Viagem ao centro da Terra**, **Da Terra à Lua** e **A ilha misteriosa**. O tema científico em quatro destas cinco obras está à

flor de pele. "A volta..." é uma das suas mais engenhosas histórias onde a sua própria ideia foi extraída presumivelmente de um conto de Poe e de um anúncio que viu certo dia num jornal. É o final da obra e a sua solução que a fazem uma história digna de exemplo, pondo de parte o resto das descrições que faz à medida que Phileas Fogg, o personagem principal, vai

Terra..." por ser uma das primeiras tentativas literárias sérias de enviar o homem para além do seu planeta e "A ilha..." por ser uma ode à Ciência e a primeira tentativa de *Robinsonismo* na obra verniana, fórmula que repetiria depois em algumas das suas obras.

Desta época também ressaltam um grupo de obras onde o tema científico é menor, notadamente são histórias ao estilo de aventuras: **Cinco Semanas em um Balão**, **Miguel Strogoff**, **Héctor Servadac**, **Viagens e aventuras do Capitão Hatteras** e **Os Filhos do Capitão Grant**. Nelas os personagens diver-

tem-se viajando pelo ar, para o Pólo Norte, o espaço exterior, por mar em ambos os oceanos em busca de um pai perdido e até a cavalo através de todo um território coberto de inimigos. Outros títulos de menor transcendência completam este período de obras, mas sempre com o impregnado espírito do progresso científico, a exploração e a exaltação dos heróis sábios e conhecedores do meio que os rodeia.

O segundo período inaugura-se com a premonitória **Os quinhentos milhões da Begum**, com um impressionante retrato da então futura figura de Adolf Hitler, e chega até **A impressionante aventura da missão Barsac**, a última obra publicada. Nesta etapa afloram rasgos mais pessimistas. Nela reflecte-se a formação dos regimes imperiais, a corrida



viando à volta do mundo, permitindo que o leitor conheça as interioridades e características dos povos e lugares por onde passa. "Vinte mil..." ressalta pela sua viagem à volta do mundo, mas desta vez a novidade é uma travessia submarina, a bordo do mítico Nautilus do capitão Nemo. "Viagem ao..." pela sua atrevida ideia da existência de vida no centro da Terra. "Da

pelas colónias, a fusão do capital industrial com o financeiro e a consequente formação dos grandes monopólios. O científico, por sua parte, introduz-se dentro da produção industrial convertendo-se no seu próprio empresário, o que resultará num maior impulso da técnica e da ciência que já, nessas alturas, se aplicava à guerra. Aparece o sentimento de responsabilidade social do homem. Todo este pessimismo que Verne sente pela realidade desse progresso de que tanto esperava, levar-lhe-á a adoptar uma postura individualista e libertária.

Se o primeiro período mencionado anteriormente abarca a apresentação mais completa dos temas primários do autor, a partir de "Os quinhentos..." e durante a redacção do resto dos livros, as obras sofrem um grande número de transformações. O assunto é menos de exploração ou de inovação científica e resulta ser em maior parte de turismo; o humor é mais pessimista, irónico, cortante (ainda se presume que o optimismo inicial de Verne tenha sido muito exagerado, como resultado das pressões da idade e, particularmente, as do seu editor); os personagens americanos e também os britânicos não são apresentados na forma tão favorável como o eram nas suas primeiras obras; as histórias acabam quase sempre com a morte ou a loucura de alguns dos personagens; as poucas máquinas que se mostram, finalmente, são destruídas e, na vida real, as obras foram-se vendendo cada vez menos.

Todavia, alguns críticos, como Raymond Roussel, defendem os últimos trabalhos. Afirmam que a ironia, o cepticismo, e a auto análise são mais "modernos" que nas primeiras obras e são mais reveladores do que Verne realmente era. Como exemplo, o tema do canibalismo, que havia sido tratado com muito sigilo

nas obras precedentes, recebe um tratamento mais sistemático em **A Galera "Chancellor"** e logo depois em outras obras. Verne escreve ao seu editor em 1883, onde diz que já não tem mais temas de interesse que tratar e um dos sinais de falta de invenção nas suas obras neste período é a quantidade de continuações que produz, quer sejam histórias próprias ou as de outros escritores como Wyss e o seu **Robinson Suíço** ou as **Aventuras de Arthur Gordon Pym** de Poe.

As obras de Verne dos seus últimos anos, em resumo, eram mais aventureiras, ainda que muitas delas sejam importantes e devam ser analisadas como tal noutros sentidos.

Talvez a única obra que recorde Verne dos primeiros anos e que resulta ser uma excepção dentro deste pessimismo resulta ser **O testamento de um excêntrico**, uma divertida história sobre um jogo que põe a viajar muitas pessoas à volta dos Estados Unidos da América e que, de passo a passo, serve para Verne descrever com luxo detalhe as paragens da nação do norte, desenvolvendo a história e o argumento no puro estilo verniano dos primeiros anos.

As obras que foram publicadas postumamente (oito no total) são novamente diferentes do resto ao ir mais além que os seus trabalhos prévios como na análise de temas como o anarquismo, socialismo e comunismo. Durante muito tempo, a opinião crítica esteve dividida acerca da explicação do porquê dos seus textos póstumos serem tão diferentes. Alguns, incluindo o seu neto, Jean Jules-Verne, diziam que o autor havia retardado a publicação das suas obras mais radicais até depois da sua morte para evitar uma reacção pouco favorável do público. Mas outros especialistas pensavam que Michel, seu filho, teria muito que ver nesta diferença ao reescrever largas por-

ções dos últimos manuscritos do seu pai. No final da década de setenta, Piero Gondolo della Riva, um investigador italiano responderia a essa pergunta.

Em geral, as **Viagens Extraordinárias** representam um universo prazeroso carregado de pedagogia, exploração e Ciência, escrito explicitamente para a juventude da época, para jovens sem distinção de sexo seguindo sempre um muito bem plano educativo traçado por Hetzel e levado à prática por Jules Verne.

Com o passar do tempo a série converteu-se na leitura não só de jovens, mas sim de muitos adultos, que vêm, nos textos dos livros que compõe a colecção, mais do que simples obras de aventuras ou antecipação científica. Tudo parece indicar que as **Viagens Extraordinárias** explicam a figura de Verne e Verne explica o porquê da série. Há uma relação muito pessoal e directa entre eles, para vê-los isoladamente.

O que não há dúvida é que há muito por se investigar e dizer em torno do tema. Se têm sido feitos recentes descobrimentos que rodeiam a sua obra e completam a sua personalidade, ainda está por se conhecer a dimensão real do que seriam os seus livros sem a intervenção de Hetzel e a exclusão de passagens inteiras dentro das histórias ou inclusão de ideias argumentais manejadas por Verne como aquela de fazer de Nemo um polaco cuja família havia sido assassinada pelos russos. Apenas citar um exemplo, qual seria o destino de sua colecção se **Paris no século XX** tivesse sido publicada depois de "Cinco semanas..." como programado?

Como quer que seja, a série converteu-se num novo estilo para a época e ainda hoje, mais de cem anos depois da sua publicação, perduram os seus textos e prossegue o debate sobre o seu conteúdo e forma. Os próximos anos de busca darão mais luz sobre o assunto ●

À imortalidade e a eterna juventude

Ariel Pérez

Zvi, gostaria que você estivesse aqui e agora. Sei que está adicionando novos conteúdos à sua página na Internet, como tem feito há mais de doze anos, que Verniana saiu em seu devido tempo, em 8 de fevereiro último, que converso diariamente consigo pelo *chat*. Nesses momentos, recordo sua mensagem de resposta à minha, escrita em 24 de abril de 2001, lá se vão quase sete anos. Acabara de descobrir sua página e tinha um projeto ambicioso: o de começar a traduzir para o espanhol toda a informação sobre Verne que encontrasse na rede, com o objetivo de criar

um espaço, em castelhano, sobre o autor das **Via-gens Extra-ordinárias**. Sua página foi meu primeiro ponto de contato e a mensagem que lhe enviei – depois trocamos mais de cem – foi meu contato inicial com um verniano. Sua resposta foi amável e ao mesmo tempo esperançosa: *“Obrigado por escrever-me. Gosto muito de receber correios pessoais dos membros do fórum. Adicionei seu endereço à página de membros. Às vezes sou um pouco lento, mas como teve o trabalho de escrever-me, também me dei um tempo para adicioná-lo à página... Quanto ao uso do material para tradução, não tenho objeção alguma. Gosto de ver que o conhecimento sobre Jules se propaga em outros países, em especial aos não-anglófonos... Estou feliz que tenha entrado em contato comigo e gostaria de saber, de vez em quando, quais têm sido os avanços de seu projeto, quem sabe possa contribuir com*

minha experiência de construção de páginas na web.”

A partir de seu apoio e amável ajuda, surgiu o contato com Jean-Michel Margot e com ele, um segundo verniano que me ajudou muito, foi que em outubro desse mesmo ano, depois de muito trabalhar, consegui pôr minha página on-line. Você estava lá quando lhe fiz perguntas sobre HTML, posicionamento, detalhes técnicos e o trabalho com a codificação Unicode. Enviei-lhe minhas primeiras traduções em espanhol das obras do autor francês e você rapidamente as acolheu em sua biblioteca virtual, que cresce a cada dia. Produto da dupla que formamos já faz alguns anos com um texto do site Gallica da Biblioteca Nacional da França, foi possível se pôr on-line uma obra de teatro de Verne e, certamente, temos pendente ainda a digitalização de outros textos.

Diante da avalanche de dúvidas que surgem diariamente no fórum, tive a idéia de criar uma página com as dúvidas mais freqüentes sobre Verne, que serviria, de certa maneira, como guia para os internautas. Junto a nossos amigos Garmt e Jean-Michel, foi possível elaborar um conjunto de perguntas e respostas e disponibilizá-lo em seu espaço da Internet, onde você lhe reservou um lugar especial. Até o momento, seu conteúdo foi traduzido para mais de dez idiomas.

É sua página o lugar de onde pude descarregar uma imensa quantidade de livros, onde tive

Seus amigos têm a palavra

Arthur B. Evans

Conheci Zvi em 1995, quando construí sua página na Internet. Perguntei a ele se estaria de acordo em adicionar uma seção de artigos de estudiosos; ele se manifestou favoravelmente e assim pude publicar meus próprios trabalhos. Logo, outros o fariam. À medida em que passavam os anos, Zvi e eu fomos fazendo amigos. Ele procura constantemente novas fórmulas e iniciativas para expandir sua página e ajudar aqueles que tenham interesse em conhecer sobre Verne. É amável, e nunca fala mal de ninguém. É um homem extraordinário e seu site é e continuará sendo uma das maiores homenagens que já se fizeram a Júlio Verne.

Jean-Michel Margot

Descobri sua página em 1995, alguns dias depois de sua criação. Logo, seu filho Gilead faleceu. Zvi e Zahava estavam desolados. Falei com eles e trocamos algumas cartas. Suas maiores contribuições foram a página da Internet, o fórum e a Verniana. É difícil separar as três. Existe nelas uma progressão no tempo. Zvi é absolutamente encantador, nunca maltrata ninguém. Sabe escutar e compreender. É um homem de paz. Tem um senso de humor muito desenvolvido, nunca se aborrece e tudo o que faz, faz bem, buscando a perfeição. Em 2001, quando estive em minha casa, disse-me: “sabes, me dei conta que nunca transcenderei no campo das Matemáticas, então tenho buscado outro campo onde minha paixão possa ser aplicada. Quem sabe isso me ajudará a não ser esquecido...”. A NAJVS o nomeou membro honorário. Voltei a encontra-lo em 2005 em Amiens, com sua esposa. Durante o último ano tenho lhe telefonado várias vezes com o propósito de preparar a Verniana e fazer que seja um periódico de alto nível.



acesso pela primeira vez à bibliografia completa de Jules Verne, ler artigos dos mais reconhecidos especialistas vernianos e ver a coleção de selos mais impressionante sobre o francês. Ali, foi onde pude inteirar-me de tudo o que aconteceu no Encontro Mundial de Amiens, ao qual lamentavelmente não pude comparecer. Recentemente pude desfrutar on-line das ilustrações originais dos livros de Hetzel. Foi no fórum onde conheci as excelentes pessoas que o formam e participam dele e aqueles aos quais não mencionarei os nomes pois temo esquecer algumas pessoas por citar.

Realmente, Zvi, você é uma pessoa muito amável e de uma pureza de alma impressionante, sempre disposto a ajudar, chegar a consensos, ouvir sugestões e pô-las em prática. Me surpreende sua capacidade de universalizar o cosmos verniano. Basta olhar para essa biblioteca virtual com livros em doze idiomas diferentes, os selos provenientes e cinquenta e oito países que você pôs a disposição dos visitantes, para o prazer visual de contemplar o trabalho artístico neles realizados desde a década de 50 do século passado. Para essa comunidade "virtual" você trabalha, e converteu, na última década, sua página e seu fórum no ponto

de encontro dos estudiosos da obra do francês. Sem dúvidas, houve um antes e um depois de Zvi.

Hoje estamos todos aqui, reunidos, em torno de você. Convoquei alguns de seus amigos mais queridos e outros que, ainda que não o conheciam fisicamente, como eu, o admiramos. Trouxe também seu filho Nadav que quer falar de você.

Quando começa a paixão de seu pai por Verne?

Meu pai conheceu as obras de Verne aos 10 anos, quando em 1959 lhe presentearam com a primeira tradução em hebraico de **Dois Anos em Férias**, que surgiu naquele ano. Depois, como adolescente comprou alguns livros de Verne em francês e aprendeu o idioma por sua conta, a medida que lia os livros.

Ele tem uma grande coleção sobre Verne?

Certamente. Meu pai é um colecionador ávido e tem uma grande quantidade de coisas referentes a Verne, desde bandeiras até filmes de Walt Disney, mas sua coleção mais querida é a de objetos de interesse histórico. Provavelmente ele tem todos os livros escritos por Verne em francês e sua tradução para o inglês. Tem a maior parte das traduções em hebraico que se publicaram e traduções de muitas outras línguas, como árabe, ídiche, japonês, coreano, turco, georgiano, russo, espanhol e muitas outras. A maioria desses livros são presentes de sua família, livros que adquirimos em nossas viagens. Junto aos livros de Verne ele também tem obras sobre o autor, um grande número de selos, medalhas, cartões postais, filmes, músicas e outras centenas de elementos baseados

Seus amigos têm a palavra

Brian Taves

Só o vi no Encontro Mundial de 2005. Estimo, certamente, que o fórum é provavelmente sua maior contribuição. Também sua página, como fonte autorizada de informação sobre Verne, aberta a especialistas e leitores, de forma geral.

William Butcher

Em 1997, foi Jean-Michel Margot quem me permitiu unir minhas duas maiores paixões, Verne e Internet, ao indicar, no boletim da NAJVS, a existência de um excelente site verniano com um fórum que facilitava os contatos internacionais. Contatei Zvi por correio eletrônico e ele foi muito amável ao me convidar a publicar artigos em sua página. Contou-me da dor que ainda sentia pela morte de Gilead, e lhe aconselhei a trabalhar em sua página para tentar esquecer a perda e, por sua vez, render tributo à memória de seu filho. Nunca conheci Zvi em pessoa, mas isso não impede nossa amizade. Nos últimos tempos temos trocado correspondências a cerca da atualização de uma cronologia da vida de Verne. Antes de Zvi, o centro de gravidade da investigação verniana estava na França, mas logo e graças a ele vivemos em um mundo multipolar onde os especialistas que não estão cientes de seu fórum ou da Verniana se privam de uma ferramenta essencial, sem a qual lhes é impossível conhecer as novas descobertas.

Bernhard Krauth

O conheci no Encontro Mundial Jules Verne, em 2005, em Amiens. Logo me comunicava freqüentemente com ele sobre toda a questão relativa aos selos e às ilustrações. Zvi é gentil, tranquilo, simpático, tem um singular senso de humor e muita alegria de viver. Não realiza investigações científicas sobre Verne, mas a grande qualidade de sua página o coloca no mesmo nível dos estudiosos.



Há três anos no casamento de seu filho. Da esquerda para a direita, Michal, sua filha; Zahava, sua esposa; Zvi e Nadav.

nas obras de Verne, inspirados por ele, ou batizados em honra a seus heróis literários, como por exemplo um perfume com o nome "Phileas".

Ouvi dizer que durante esses últimos anos ele adquiriu muitos selos, para coloca-los na página. Isso é verdade?

Sim, é. Meu pai sempre foi colecionador de selos, desde a infância, mas como adulto tem se limitado suas atividades filatélicas a colecionar selos exclusivamente sobre Jules Verne. Com o surgimento da Ebay ficou mais fácil procurar e comprar mais e em algum momento decidiu escanear sua coleção e pô-la na Internet de forma livre para que todos a possam ver. O primeiro selo de Verne que tive (e segundo recorde, o primeiro que apareceu mundialmente) foi um produzido na França em 1955 motivado pelo aniversário de 50 anos da morte de Verne. Desde então, centenas de selos surgiram, comemorando datas relativas ao autor e sua obra, em muitos lugares. O selo mais recente no site de meu pai é um proveniente da Coreia do Norte, de 2006, com um retrato de Jules, lembrando (creio que de forma atrasada) o centenário de sua morte.

De onde veio a paixão de seu pai por Verne?

Aparentemente, o livro que leu quando criança, Dois Anos em Férias teve uma grande influência nele, que durou toda sua vida. Quando meu pai gosta de algo – seja sua família, ensinar, a computação, a programação ou Jules Verne – sempre o faz com paixão. Está sempre disposto a

adiar horários de almoço ou utilizar os de sono para trabalhar nas coisas que ama.

Ele costuma comentar com a família sobre o que faz em sua página?

Foi meu pai quem me ensinou a usar os computadores e o sistema



Dezembro de 2007. Zvi em sua casa em Haifa, Israel, em sua pose típica, sentado no sofá da sala, com seu cão Meshi, trabalhando em sua página sobre Verne em seu computador portátil.

Seus amigos têm a palavra

Daniel Compère

Zvi veio em visita a Amiens no mês de agosto de 1980, ao Centro de documentação Jules Verne, que criei. Desafortunadamente, não me encontrava na cidade nesses momentos, algo que lamentei. Logo mantivemos correspondência e nos encontramos fisicamente em março de 2005. Sua página sobre Júlio Verne, com uma grande quantidade de textos acessíveis on-line e o fórum constituem, para mim, um porto precioso que permite aos especialistas trocar informações de forma fácil e rápida. Zvi é uma pessoa de rara amabilidade, sempre disponível e calorosa. Estas qualidades são tão notáveis que são percebidas através de suas mensagens eletrônicas!

Garnt de Vries

O conheci em princípios de 1996. Havia começado meus estudos universitários e acabava de descobrir o mundo da Internet. Entrei em contato com Dennis Kytasaari a propósito de sua página e ele me falou da existência do fórum. Me inscrevi e recebi uma mensagem de Zvi dizendo que eu era o membro de número 14, e o primeiro da Holanda. Depois dessa primeira mensagem, me ajudou freqüentemente a entender HTML, Unicode e outros detalhes técnicos. Trocamos livros. O considerava como um velho amigo quando o encontrei, em carne e osso, no Encontro Mundial, em 2005. Sem dúvidas, sua grande contribuição foi a criação do fórum. Verniana é outra contribuição importante e veremos sua relevância nos próximos anos. É um homem muito agradável, simpático, sempre de bom humor e disposto a ajudar. Um verdadeiro otimista, cosmopolita e um querido amigo.

operacional Unix, há quase um quarto de século. O trabalho com a Informática tem sido nossa fixação compartilhada, e conversamos sobre as coisas que fazemos em nossos tempos livres, normalmente sobre softwares livres ou o conteúdo gratuito que disponibilizamos em nossas páginas. Sempre tive amplo conhecimento do que meu pai faz em seu *site*. Constantemente, ele comenta sobre as novas iniciativas que lhe vai adicionando, sobre os novos amigos que faz e alguns planos que tem. Nos últimos meses, por exemplo, temos trocado muitas opiniões sobre *Verniana*. Também procuro ajudá-lo um pouco. Por exemplo, há uns anos atrás, quando vimos que ele levava seus selos ao trabalho, para digitalizá-los, lhe compramos um *scanner* como presente de aniversário, para que pudesse fazer o trabalho em sua própria casa. Há alguns meses, o ajudei com o desenho do logotipo da revista. Em anos recentes, meu pai e minha mãe viajaram juntos a várias conferências sobre Verne – na França e em Israel – de maneira que minha mãe também sabe muito sobre os amigos de meu pai e está ciente de suas atividades vernianas.

Em todos esses anos, qual você considera como a maior contribuição de seu pai ao universo verniano?

Sem dúvida, o *Fórum Jules Verne*, que começou de forma muito discreta há um doze anos atrás com apenas oito pessoas e hoje reúne mais de 200 membros de muitos lugares do planeta. Antes dessa iniciativa, os investigadores e aficionados por Verne trabalhavam sozinhos, sem saber o que outros como eles faziam. O fórum de meu pai permitiu, pela primeira vez, que todos trabalhassem juntos e colaborassem entre si, fazendo as coisas mais simples.

Algum de seus filhos têm essa mesma paixão por Verne?

Nenhum de nós chegou perto de

sua paixão por Verne, mas indubitavelmente, tivemos uma familiaridade com sua obras de uma maneira diferente do que a média das crianças de nossa geração. Lembro-me, quando menino, que escutávamos todas as noites uma gravação em áudio, em hebreu, de *Da Terra à Lua*, contida num cassete que meu pai havia gravado de uma estação de rádio israelita. O primeiro filme que recordo ter visto numa sala de cinema foi *In search of the Castaways*. Foi difícil para mim entendê-lo, pois não sabia inglês e ainda não podia ler as legendas em nossa língua. Com o passar dos anos, li algumas das traduções feitas aqui que tomei emprestado da coleção de meu pai. A última que recordo ter visto foi *Norte contra Sul*, que foi traduzida em 2002.

Quando minha irmã estudou na Universidade, alguns anos atrás, escolheu Verne como tema para um trabalho de Geografia e usou muitos dos livros de meu pai, além de seu vasto conhecimento sobre o tema, como fonte de informação. O trabalho foi muito elogiado pelo professor que o havia encomendado, e ele logo se converteu em um verniano e grande amigo de meu pai.

Como criança, de que forma se recorda de seu pai?

Como a pessoa mais forte, inteligente e generosa de todos os homens. À medida que fui crescendo, me dei conta que não era o mais forte, mas sim as outras duas coisas. Sempre fui um menino inquisitivo, curioso e afortunadamente meu pai tem essa rara combinação de conhecimento em talento para o ensino, e meu interesse em matemática, nas Ciências e especialmente na Informática, sem dúvida, devo a ele pelo que me ensinou nas oportunidades que me deu quando eu era criança. Tenho muitas recordações felizes de minha infância. Lembro-me como ficávamos felizes quando regressava de alguma conferência que havia

Seus amigos têm a palavra

Volker Dehs

Entrei em contato com ele por correio eletrônico quando foi necessário utilizar, para sua página, uma bibliografia das obras de Verne que havia elaborado e enviado numa versão, para revisão, a Jean-Michel Margot. Corria o ano de 1996. Então, nossos contatos se limitaram à atualização deste trabalho. Mais tarde, me convidou para que eu fosse um dos redatores da Verniana. Tive o prazer de conhecê-lo, com sua esposa, em Amiens em março de 2005 e em 2006. É evidente que o fórum resulta ser o lugar de encontro por excelência dos vernianos e que levou, por assim dizer, à organização do mundial Jules Verne em Amiens. Aprecio muito sua alegria interior. Ele e Zahava – é difícil separá-los em minha memória – são abertos e simpáticos. Recordo que, nessas ocasiões, falamos mais dos problemas políticos atuais em Israel do que em Júlio Verne.

Cristian Tello

Lembro-me que, quando comecei a buscar informações sobre Verne na rede, cheguei a sua página. Seu grande conteúdo se converteu em seguida no trampolim que me motivou a criar meu próprio espaço em espanhol. Definitivamente foi meu guia e referência para lançar meu projeto pessoal de Verne na web. Penso que seu maior feito é unir os vernianos do mundo vencendo as barreiras do idioma. Seu fórum foi e continua sendo o veículo no qual circulam as melhores informações relacionados com Verne. Pessoalmente, participar do fórum de Zvi me ajudou grandemente a aumentar meu conhecimento sobre o escritor francês. É sem dúvida um homem religioso, cordial e disposto a colaborar em tudo que concerne a divulgar a vida e obra de Verne. Sua revista Verniana é um claro exemplo disso. Todos nós que temos tido oportunidade de conviver com ele, sabemos ter nele um grande amigo, sendo também nosso mentor e guia.

dado. Lembro-me de jogar com ele e abraçá-lo. Recordo as horas de conversa que tivemos falando sobre a Ciência e os computadores. Isto começou quando eu tinha uns 10 anos de idade e continuou durante toda minha vida. Lembro dos presentes que me deu, especialmente um aparelho de rádio, presente pelo meu décimo-terceiro aniversário, que escutei diariamente durante uns 15 anos.

E como adulto?

Já como adulto, lamentavelmente, minhas memórias não são as mais felizes. Quando tinha 15 anos, descobrimos sua doença. Quando tinha 21, meu irmão Gilead morreu dessa mesma doença que lhe haviam diagnosticado levando tristeza a toda nossa família. Todavia, também tenho excelentes recordações de meu pai em minha vida de adulto. Escolhi passar a maior parte dela junto a ele. Estudei na mesma universidade onde ensinava, e por mais da metade de meus 14 anos de carreira trabalhei em sua companhia. Durante muitos anos almoçamos juntos diariamente. Há dois anos nasceu minha primeira filha e, ao mesmo tempo, sua primeira neta. Desde então, tenho também muitas memórias felizes com ambos. Se gostam muito. Quando ele está perto, ela ignora as demais pessoas.

Alguma passagem interessante para contar-nos?

Há muitas, mas lhe direi apenas uma. Há 10 anos, nossa família foi a uma feira de livros em uma pequena cidade perto de nossa casa. Estávamos olhando o que lá havia quando, de repente, meu pai descobriu um livro de Verne em iídiche. Ele não conhecia esse idioma, exceto pelo alfabeto que é o hebreu. Mas, de toda maneira, decidi comprá-lo. Assim começou, creio, sua coleção de livros de Jules Verne em idiomas que não podia ler. Se converteu, desde



Zvi e Robert Purvoyeur no Encontro Mundial Jules Verne em Amiens, 2005.

então, em uma tradição que quando alguém da família viajava ao estrangeiro lhe trazia algum livro de Verne em uma língua estranha. Um dos meus momentos mais memoráveis em minha visita ao Japão, há oito anos, foi quando estive durante uma hora em uma livraria tentando transmitir aos vendedores a idéia de que queria comprar um livro escrito por Verne, qualquer um que fosse. Aparentemente, no Japão não se conhece nem Jules Verne nem a língua inglesa, o que tornou as coisas mais difíceis. Mas finalmente pude obter o livro que queria.

Muito obrigado, Nadav, por ter falado sobre seu pai. Obrigado também a todos os amigos que estão com ele, aqueles que o acompanharam no Mundial e os que o acompanham virtualmente pela rede e se dedicam também ao motivo de sua paixão.

E a você, Zvi, extraordinário guia e aglutinador de todos os vernianos do mundo, digo-lhe que seguirá viajando até a imortalidade e a eterna juventude ●

Seu trabalho verniano

- Site na Internet criado em 13 de novembro de 1995.
- Fórum Internacional Jules Verne criado em 1996. Sua primeira mensagem foi em 23 de janeiro desse ano.
- Posta on-line a bibliografia completa de Júlio Verne em 1997.
- Surge a maior coleção de selos on-line sobre Verne.
- Criação da maior biblioteca virtual sobre Verne, com mais de 100 textos entre novelas, contos, ensaios, obras de teatro, poemas, discursos e entrevistas. Atualmente disponível em 12 idiomas.
- Criação da página de Perguntas mais frequentes sobre Verne em 2003. Atualmente traduzida em 12 idiomas.
- Participação e motor impulsor do Mundial Jules Verne em Amiens em 2005.
- Disponibilidade on-line do catálogo de ilustrações originais de Hetzel.
- Criação da revista digital Verniana em fins de 2007.

Pierre Jean - Capítulo 4

Tradução: Estela dos Santos Abreu

Pierre-Jean teve de conter-se para não dar na vista; mas, apesar do esforço, um observador atento notaria seu inusitado alvoroço. O amor à liberdade soprava-lhe no coração e reacendia todas as esperanças adormecidas sob as cinzas da resignação. Trabalhou com ânimo redobrado e quase se traiu pelo excesso de boa vontade. A indiferença era a melhor máscara.

Para encobrir por uns momentos sua ausência na entrada da noite, pediu ajuda a um vizinho do seu par de correntes. Um forçado *meia* - assim designado por causa do aro leve que lhe cingia a perna -, com poucos dias mais de pena a cumprir e que, por isso, ficava sem parceiro, concordou em participar, por três moedas de ouro, do plano de Pierre-Jean: ficaria preso por alguns minutos à corrente do fugitivo depois que ele a serrasse.

Pelas sete da noite, Pierre-Jean aproveitou um momento de descanso para cortar seus grilhões; graças à perfeição da lima e malgrado a têmpera resistente da manilha, foi rápido. Pouco antes da volta às salas, depois de ter visto o *meia* tomar o seu lugar, escondeu-se atrás de um monte de madeira.

Perto dali havia uma imensa caldeira destinada a uma fragata a vapor; tinha sido posta a secar diante da oficina de máquinas. O vasto recipiente estava apoiado no chão, e a abertura do forno oferecia ao prisioneiro um abrigo insuspeito; esperou pelo momento adequado e entrou na caldeira, levando um pedaço de madeira que havia escavado em forma de chapéu com alguns furos: aguardou.

Caiu a noite; o relógio deu oito horas; os condenados largaram o trabalho e dirigiram-se para a prisão conduzidos pelos carcereiros.

O céu carregado de nuvens estava bem escuro e favorecia Pierre-Jean. Quando o arsenal ficou vazio, ele saiu do esconderijo, rastejou em silêncio e dirigiu-se para o lado das docas de querena, pois não podia passar diante dos prédios do cárcere; do outro lado da baía, a escuridão tomava conta da península de Cépet¹. Alguns ajudantes ainda apareceram por ali; Pierre-Jean interrompia então seu percurso horizontal e se dissimulava num buraco qualquer; felizmente conseguira serrar todos os ferros, e seus movimentos eram silenciosos e leves.

Chegou enfim ao mar, um pouco antes da Darse Nova, mas não muito longe da abertura que dava acesso à enseada. Com a espécie de capuz de madeira na mão, escoregou por uma corda e desapareceu em silêncio sob as águas.

Quando voltou à tona, colocou depressa o estranho chapéu; sua cabeça ficava assim encoberta a qualquer olhar, e pelos furos feitos na madeira podia orientar-se: parecia uma bóia perdida.

De repente, o canhão ribombou.

- Deve ser o fechamento do porto - pensou.

Tornou a ressoar duas, três vezes.

- É o canhão de alarme! Descobriram minha fuga! Ânimo!

E, evitando a proximidade dos navios e a corrente das âncoras, Pierre-Jean avançou na pequena enseada, para os lados do paiol de Millau. O mar estava agitado, mas, como bom nadador que era, sentia-se com forças para ir longe. Livrou-se da roupa que lhe atrapalhava os movimentos; trazia amarrado ao peito o saquinho com o ouro.

1 Atual península de Saint-Mandrier.

Chegou sem dificuldade até o meio da pequena enseada e, apoiando-se numa espécie de bóia de ferro ali largada, tirou com cuidado o chapéu que o escondia.

- Ufa! - exclamou. - Isto é brincadeira perto do que ainda falta; em alto-mar, não vou ser procurado; mas preciso passar pela goleta, onde há muitas embarcações entre a grande torre e o forte da Aiguillette²; só escapo se o diabo deixar. Enquanto isso, vou encontrar o rumo e não mexer com o diabo, que está quieto.

Pierre-Jean, pelo paiol da Goubnin e pelo forte Saint-Louis, conseguiu orientar-se; tinha de seguir sempre em frente e, para não ser visto de um lado nem do outro, manter-se bem no meio da passagem.

Com a cabeça protegida pelo disfarce, nadou sem fazer barulho; o vento aumentava e, confundido com os ruídos perigosos, podia enganar-lhe o ouvido apurado; por isso, mantinha-se alerta e, embora muito desejasse deixar a pequena enseada, avançava devagar para não imprimir à falsa bóia, que o dissimulava, uma velocidade imprudente.

Passou-se meia hora; calculou que devia estar chegando perto da passagem, quando à esquerda ouviu um barulho de remos; parou, prestou atenção e aguardou.

- .Ei! - gritaram de um bote. - Alguma novidade?

- Nada! - responderam de uma embarcação que passava à direita do fugitivo.

- Nunca vamos achá-lo!

- Mas será que ele fugiu pelo mar? - Sem dúvida! Pescamos a roupa dele.

2 O forte da Aiguillette, a oeste, e a Torre Real, a leste, dominam a entrada da pequena enseada

- Ih, deste jeito vamos acabar na Índia!

- Coragem! Em frente!

As embarcações se separaram. Pierre-Jean estava sendo muito procurado. Aproveitando a partida dos barcos da polícia, deu umas longas braçadas em direção à goleta, lutando contra as ondas e o desespero que aumentavam em torno dele.

- Ah! Se eu estivesse em alto-mar!

Pode-se imaginar a situação desse homem? Em alto-mar! Seria a morte, e mesmo assim ele preferia isso ao cárcere. Que tenacidade! Que força de caráter se encontra às vezes nos desventurados! É costume dizer que, se dirigida para o bem, essa energia pode realizar grandes proezas; sim, mas tal força não é espontânea. Para chegar a ela, é preciso ter um grande anseio de liberdade. Na placidez do cotidiano, esses mesmos homens seriam inúteis, inertes, fracos. A sociedade os havia repudiado; desse choque com ela, brotavam centelhas.

De vez em quando, gritos chegavam aos ouvidos de Pierre-Jean; as embarcações multiplicavam as buscas na baía e deviam estar concentrando a vigilância na goleta. Pierre-Jean continuava a nadar!

- Prefiro me afogar! - pensava.

A grande torre e o forte da Aiguillette já se delineavam a seus olhos. Tochas corriam à beira-mar como estrelas de mau agouro; os batalhões da polícia estavam em ação. O fugitivo diminuiu o ritmo e se deixou levar pelas ondas e pelo vento oeste que o empurravam para o mar.

De repente um clarão iluminou as águas, e Pierre-Jean distinguiu em torno três ou quatro embarcações com tochas acesas; deteve-se, qualquer movimento podia traí-lo.

- Ei, vocês!

- Nada!

- Procuraram do lado do Lazareto?

- E perto das baterias?

- Os soldados foram prevenidos.



- Então ele não pôde desembarcar na costa. - Impossível!

- Vamos!

Pierre-Jean respirou. Os barcos estavam a menos de dez braças³; era obrigado a nadar perpendicularmente.

- Olhem! O que é aquilo lá? - gritou um marinheiro.

- O quê?

- Aquele ponto escuro que se mexe! - Bem aqui no meio?

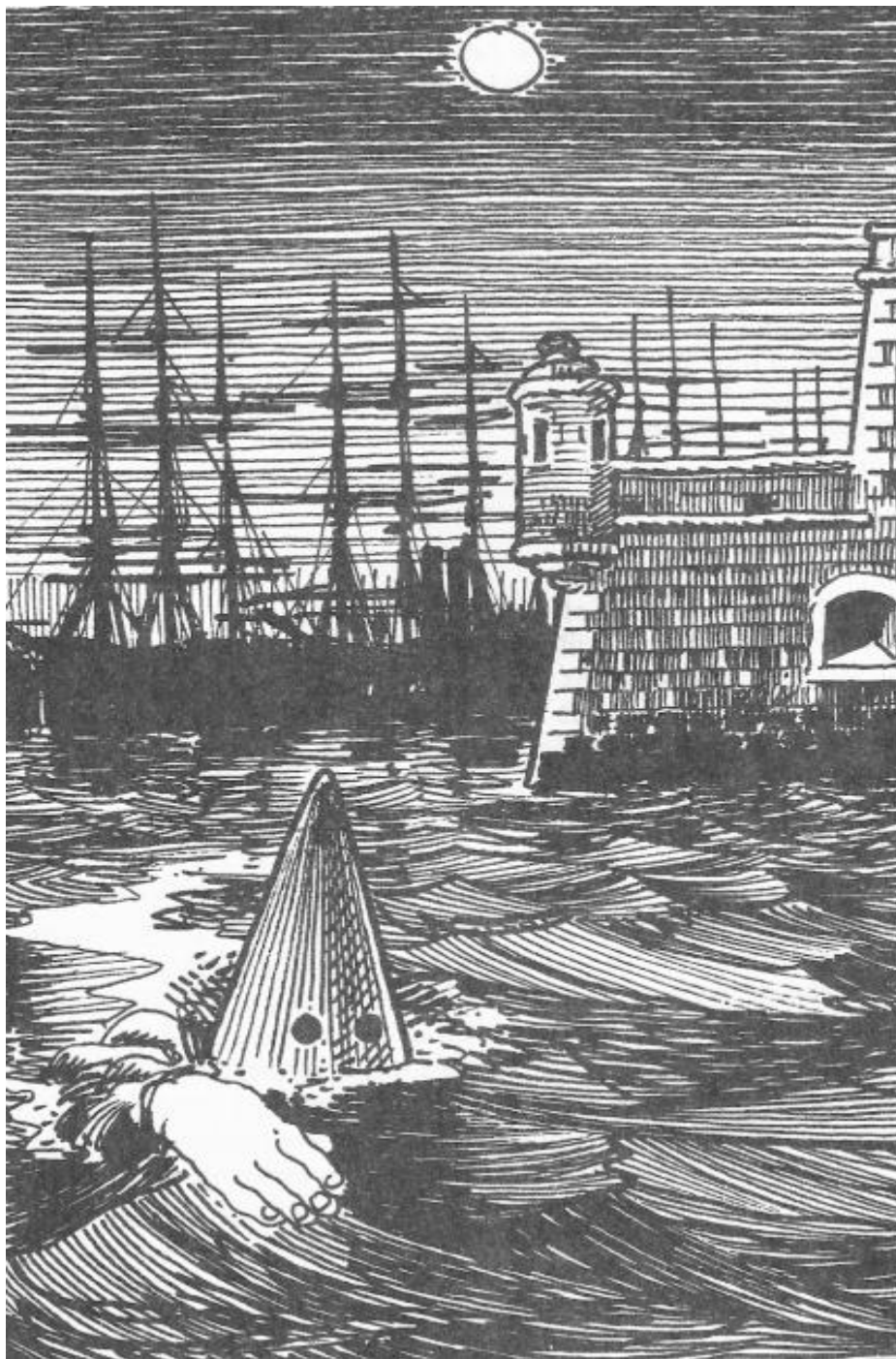
-É!

- Não é nada, deve ser uma bóia perdida. - Está bem, então vá pegá-la!

Pierre-Jean preparou-se para mergulhar. Mas o apito do contramestre soou.

- Vamos, gente! Temos mais o que fazer do que ficar pescando troços de madeira. Toquem em frente!

3 Termo de marinha: medida de profundidade que equivale a 1,60 m.



E as embarcações prosseguiram seu caminho. O infeliz retomou coragem; não haviam descoberto seu estratagema! As forças voltaram-lhe junto com a esperança. Uma forma negra erguia-se ao longe.

- O que é aquilo? - pensou. - A torre do Balaguier! Estarei salvo se chegar lá. Mas onde estou?

Virou-se para a esquerda e reconheceu o forte Saint-Louis.

É mesmo a torre! Depois de passar pela bateria, chegarei à grande enseada. Oh! A liberdade! A liberdade!

De repente, viu-se no escuro total. Um corpo opaco encobria-lhe a visão do forte! Era uma das últimas embarcações, que acabava de esbarrar nele. Ela parou com a batida, e um dos marinheiros se debruçou na amurada.

- É uma bóia - gritou. - Pode continuar!

E o bote retomou a marcha. Fatalidade! Um remo bateu na falsa bóia, virou-a de lado e, antes que o fugitivo tivesse tempo de mergulhar, sua cabeça raspada apareceu à tona!

- Ele está aqui! - gritaram os marinheiros. - Vamos rápido!

Pierre-Jean mergulhou e, enquanto os apitos chamavam todas as embarcações dispersas, nadou entre duas águas para o lado da praia do Lazareto. Afastava-se assim do lugar marcado para o encontro, pois esta praia fica à esquerda da entrada da grande enseada, ao passo que o cabo do Garona fica à direita; mas ele tentava despistar os perseguidores, dirigindo-se para o lado menos propício à fuga.

Precisava, entretanto, chegar ao lugar indicado pelo marselhês. Depois de umas braçadas, retomou ao ponto combinado. As embarcações rondavam o lugar. A todo instante, ele mergulhava para não ser visto. Afinal, suas hábeis manobras enganaram os guardas; mas ainda faltava muito! Pierre-Jean começava a fraquejar, perdia as forças; várias vezes teve de fechar os olhos, sentia fortes tonturas; as mãos endurecidas e os pés pesados puxavam-no para o fundo; enfim, a Providência e as ondas tiveram pena e o atiraram desmaiado perto do cabo do Garona. Quando recobrou os sentidos, um homem estava inclinado sobre e ele lhe dava uns goles de aguardente.

- Você está salvo - disse-lhe. - Com esta outra roupa e peruca, chegará com facilidade a Notre-Dame-des-Maures, na serra do Anti. Vá logo! Vou acender uma tocha e vigiar a praia; ninguém imagina que você desembarcou aqui.

Graças! Pierre-Jean tomou bem depressa a direção prevista; depois de andar um tempo, pôs-se de joelhos, rezou pela mãe e fugiu a passos rápidos ●

Duas cartas a seu pai e sua mãe em 1848

Tradução: Ariel Pérez

A primeira é uma das onze cartas publicadas em *Lécho de la Loire* em 1933. Em ambas há menção a acontecimentos que ocorrem na capital francesa e que têm caráter político. Jules também se lança a tomar partido e dar opinião sobre esses assuntos, nos quais parece não concordar com Pierre.

Paris, [quinta-feira] 3 de agosto de 1848

Meu querido pai,

Recebi as notícias de Paul! Estou na casa da vovó, com Charles; mas não me querem deixar partir. Três dias me parecem muito pouco; especialmente porque o bispo de Meaux chega na quinta-feira à tarde e seria impróprio que não viesse! Domingo passado jantei com Edouard, na casa da senhora Braheire, que nos recebeu amavelmente e que, à sua primeira gentileza, somou outra não menos importante: deu-me uma entrada para a Câmara dos Deputados. Estive lá na terça-feira, dia em que se interpelou o governo sobre a prisão ilegal de Girardin e a suspensão prolongada de seu periódico. Esta sessão foi interessante pela polêmica que provocou e pelo número de homens importantes que vi. De fato, um deputado que estava próximo a mim

me indicou: Lamartine, Ledru-Rollin, Marie Senard, Marrast, Cavaignac, Goudchaux, Leclerc, Gaufidière, Louis Blanc, La-grange, Proud'hon, Thiers, Berryer, Baroche, Durrieu, Larochejacquelin, Montalembert, Arago, Jules Lasteyrie, etc... e, oh! surpresa! Victor Hugo! Victor Hugo, a quem queria ver a qualquer preço, falou durante uma meia hora. Agora o conheço. Para vê-lo na tribuna, atrolei uma dama e arranquei gêmeos das mãos de um desconhecido. Isto deve ser mencionado no *Moniteur*! Lhes darei pessoalmente com minhas próprias palavras todos os detalhes desta sessão, assim como de tudo o que se diz e faz em Paris. Escreva-me em Provins, meu querido pai, lá posso receber tua carta e conto com ela. Até logo em Nantes, beijo em mamãe e toda família, de quem quero ter notícias.

Teu filho que te abraça, Jules Verne

Paris, [segunda-feira] 27 de novembro de 1848

À querida mamãe:

Para responder tua carta, esperei a partida de meus tios que será amanhã, terça-feira. São eles que darão todos os detalhes de nossa vida.

Uma carta confiada pela senhora ao tio Chateaubourg me fez saber, sem dúvida, que estava indisposta. Temo, querida mãe, que tua indisposição criou um obstáculo a essa rápida viagem à Paimboeuf, que teria como objetivo fazer pular de alegria as meninas. Os ventos, em Paris ao menos, são sempre opostos a uma saída, e o pobre Paul deve ainda permanecer lá esperando.

Quanto a mim, espiritualmente, começo a sentir-me melhor. Já terminaram os incômodos de uma mudança e as preocupações de uma instalação. Fisicamente, querida mamãe, me assemelho muito a ti.

Os intestinos me fazem sofrer. Como, portanto, muito pouco. Serão por acaso os pratos de uma qualidade inferior? Não sei. Por isso, tenho tido o cuidado de não beber água pura do Seine, sempre tenho a necessidade de destruir seu princípio danoso com uma combinação qualquer. Não tenho ido ver a Sra. de Barrère de quem te falei.

Comi na casa da Sra. Arnous com meus tios e a família Garnier, que me pediram regressar para outras noitadas. Aceitei mas creio que não irei. Antes de partir, a Sra. Championnière me apresentou ao Sr. Just que me fez prometer ir visitá-lo.

Minha tia Charruel não veio, provavelmente espera pela eleição do presidente. Papai deve estar mais orgulhoso do que nunca de Cavaignac, depois de seu triunfo de anteontem. Para mim, isso não mudou, de forma alguma, minha forma de ver as coisas. Pronunciou muito bem um discurso preparado por outros, se aproveitou dos cansativos arroubos de seus adversários, e, em resumo, se explicou pouco das acusações feitas contra ele, de maneira que: Viva Louis Bonaparte! Ontem, na ópera, o vi em companhia de Marrast e seus companheiros...

O concerto do meu maldito relógio me custou 6 francos, meu guarda-chuvas, 15 francos, me vi obrigado a prover-me de um par de botas e um de sapatos, de maneira que, sem haver gasto nada comigo, me encontro tão vazio como o tesouro público!

Adeus, minha querida mamãe, e querido papai, os beijo assim como as meninas, as cartas, as cartas, adeus!

Teu filho que te quer. Jules Verne.